

O FOLCLORE NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: uma comparação entre “O saci”, de Monteiro Lobato e a “Turma do Pererê”, de Ziraldo

SILVA, Adrielly Cruvinel¹

BRASÃO, Heber Junio Pereira²

SOUSA, Cristina Soares³

ABREU, Maria do Carmo⁴

RESUMO

Introdução: Este trabalho apresenta um estudo na área Literatura Infantil brasileira. Trata-se do assunto “O folclore”, representado no livro de Monteiro Lobato, “O Saci” e de Ziraldo, “A turma do Pererê. **Objetivo:** Comparar obras de literatura infantil que tratam do folclore, especificamente, Monteiro Lobato e Ziraldo. O primeiro desses autores escreveu o livro “O Saci” e o segundo criou a história em quadrinhos “Turma do Pererê, publicada em jornais e em revistas desde os anos 1960. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com consultas em livros, artigos científicos e *sites* da Internet que tratam do assunto. **Resultados e discussão:** Os resultados mostram que há diferenças entre a abordagem do personagem do folclore, o Saci Pererê, apresentado nas obras em questão, que refletem diferentes olhares e opiniões sobre o personagem. **Considerações finais:** Ao analisar as duas obras vê-se que, mesmo com as diferenças e semelhanças apontadas pelos dois autores, foi de muita importância para a literatura ambos terem abordado em suas obras o folclore e a trazendo maior conhecimento sobre cultura brasileira em uma linguagem dirigida ao público infantil

Palavras-chave: Literatura. Literatura Infantil. Monteiro Lobato. Ziraldo.

ABSTRACT

Introduction: This paper presents a study on Brazilian Literature for children. It approaches Brazilian folklore carried out for two Brazilian writers, Monteiro Lobato and

¹ Graduanda em Letras pela Unifucamp – Centro Universitário Mário Palmério
✉ adriellysilva@unifucamp.edu.br

² Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG.

³ Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do UNIFUCAMP

⁴ Professora do Curso de Pedagogia do UNIFUCAMP

Ziraldo. The first one wrote the book “O Saci” and the second created a comic strip named “Turma do Pererê”, published in newspapers and in magazines since the sixties. Both authors deal with the Brazilian Folklore in their works. **Method:** This is a bibliographic search, with consultations on books, scientific journals and Internet sites that deal with the subject. **Results and discussion:** The results show that there are differences between the approach of the folklore character, o Saci Pererê, presented in the works in question, which reflect different views and opinions about the character. **Conclusions:** When analyzing the two productions, it can be seen that, even with the differences and similarities pointed out by the two authors, it was of great importance for literature both to have approached folklore in their works, thus improving knowledge on Brazilian culture to children in a language adequate for children.

Keywords: Literature. Brazilian Literature for children. Monteiro Lobato. Ziraldo.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil trata de livros escritos para crianças e, geralmente, aborda um tema cultural de um povo. No Brasil, o primeiro autor a abordar o folclore foi Monteiro Lobato, tanto na obra “O Saci”, analisada neste trabalho, quanto em “Histórias de Tia Nastácia” e “Fábulas”. Por isso, Lobato é considerado o maior escritor de livros para crianças no Brasil. Nos tempos mais atuais, outro autor explorou o folclore: Ziraldo, que criou “A Turma do Pererê”.

Em vista do exposto, o objetivo deste estudo foi comparar obras de literatura infantil que tratam do folclore, especificamente, Monteiro Lobato (O Saci) e Ziraldo (A Turma do Pererê).. Como objetivos específicos, foram propostos: (1) identificar as principais figuras do folclore brasileiro; (2) comparar uma obra do início do século XX com outra, da segunda metade desse mesmo século em que o mundo tanto mudou.

A pergunta de pesquisa, que orientou a realização desta investigação, foi: Quais as semelhanças e diferenças na abordagem do folclore, feita pelos dois autores?

Este estudo se justifica, porque, ao comparar as duas obras notam-se diferenças e semelhanças na personalidade de cada personagem folclórico no caso abordado o saci pererê.

Ao analisar as duas obras percebe-se que as semelhanças estão apenas em suas características físicas, um garoto de uma perna só, que usa carapuça vermelha, carrega consigo um cachimbo e se movimenta em um redemoinho.

Já as diferenças notam-se ao analisar a obra de Monteiro Lobato quando dizem que o Saci é um diabinho de uma perna só, que anda solto pelo mundo, armando reinações

de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre consigo um pitinho³ aceso e hora ou outra dá uma baforada, e na cabeça usa uma carapuça vermelha. Dizem que Saci não faz maldade grande, mas não a maldade pequena que não faça, anda por aí em seu redemoinho a fazer travessuras. É mais um diabinho brincalhão.

Já na obra de Ziraldo, o Saci Pererê é apenas um garoto que tem uma perna só e anda por aí em seu redemoinho, adestrado e com um cachimbo na boca, mas que não fuma e vive como um menino a fazer suas aventuras na mata do Fundão com seus amigos.

No decorrer das obras toca-se no assunto de como surgiu o Saci, como ele nasceu em ambas as obras são diferentes.

A obra de Monteiro Lobato o Saci mostra a Pedrinho uma moita de Taquaruçus⁴ existente na mata virgem onde ele foi aventurar-se e é lá, naqueles grossos e altos gomos, que são gerados os Sacis; quando chegam na idade certa furam os gomos e pulam para fora, já de carapuça e pitinho na boca. Permanecem durante sete anos dentro desses gomos e quando já estão na idade avançada os seus 77 anos viram cogumelos venenosos ou orelhas de pau.

Já na obra de Ziraldo, o Saci se não se cria da mesma forma, pela história contada pelo professor, o sabe-tudo da turma, que mora na mata do Fundão, ele conta de uma flor negra muito linda e rara que foi plantada por uma índia muito bela; logo após plantada, foi regada por uma escrava negra com muito amor, e depois de crescida, essa flor foi colhida por uma portuguesa, logo após isso a flor sumiu e o Saci nasceu.

Dessa forma, vê-se que o personagem do folclore, Saci, nasceu da junção de indígenas, escravos e portugueses. Logo após saber sobre o Saci, seus amigos conseguiram uma família para ele, a mãe Docelina que, a partir dali, cria-o como se fosse um filho.

Outro ponto a se analisar e sobre a história do Saci é que, na obra de Ziraldo, o Saci tem como objetivo se divertir com seus amigos na mata do Fundão. Seus amigos são Tininin, Boneca (a menina que ganha o coração de Saci), Tuiuiú, Alan, Pedro Vieira, Geraldinho, Moacir e Galileu além da mãe Docelina e do professor Nogueira.

³ A palavra “pito”, da linguagem coloquial, é usada para denominar qualquer cigarro. No caso do Saci Pererê, ele fuma constantemente um cachimbo.

⁴ Segundo Houaiss (2010), taquaruçu é uma palavra do tupi-guarani, formada de tupi takwaru'su < ta'kwara 'taquara' + u'su 'grande' e nomeia uma planta (*Chusquea gaudichaudii*) da família das gramíneas, nativa do Brasil (SP ao RS), de colmo arborecente, usada para ripas, papel e obras trançadas, folhas lanceoladas e panículas compostas; bambu-gigante, bambu-trepador, taquara-brava

Já o Saci da obra de Monteiro Lobato não parece ter muitos amigos, faz as suas estripulias sozinho, mas conhece muito bem as criaturas que vivem na mata virgem, assim na obra apresenta mais algumas histórias do folclore como Jurupari, Curupira, Iara, Boitatá, Negrinho do Pastoreio, mula sem cabeça, Lobisomem, A porca dos sete leitões, o Caipora e a Cuca.

Assim analisando as duas obras, percebe-se que os autores abordaram o mesmo personagem folclórico, mas de maneiras e em situações diferentes, de forma que os leitores possam viajar por esse universo da literatura infantil.

Para apresentar os resultados obtidos, este artigo se divide em duas seções, além desta introdução. A primeira seção traz os fundamentos teóricos que embasaram o ensino. Divide-se em quatro subseções, das quais a primeira apresenta os elementos do folclore brasileiro abordados nos livros para crianças; a segunda apresenta o conceito e as características da literatura infantil; a terceira subseção traz o conceito e o histórico da literatura infantil no Brasil; a quarta subseção apresenta as biografias dos dois autores analisados. A segunda seção apresenta a metodologia de trabalho, Em seguida, são tecidas as considerações finais e apresentadas as referências.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Elementos do folclore brasileiro abordados nos livros para crianças

O folclore brasileiro é formado pela miscigenação de crenças indígenas, africanas e algumas portuguesas. As principais figuras são Jurupari, Curupira, Iara, Boitatá, Negrinho do Pastoreio, Mula sem cabeça, Lobisomem, A porca dos sete leitões, o Caipora e a Cuca.

Para esclarecer os aspectos pesquisados, apresenta-se, a seguir, uma descrição de cada um dos personagens do folclore brasileiro

Figura 1 O Jurupari



Fonte: Google images⁵

O Jurupari, segundo Bezerra (2020), é um mito indígena da região amazônica. Há muitas lendas sobre esse personagem: alguns o consideram como um legislador como um demônio. Outros como um legislador. Entre os que o consideram como legislador, acreditam que a índia Ceuci comeu o mapati, uma fruta que era proibida às mulheres quando se encontravam no período fértil. O suco da fruta escorreu pelo seu corpo até suas partes íntimas e assim, foi concebido um menino. Como punição, a índia foi expulsa da aldeia. Mas, na verdade, o pai da criança era Guaraci, o próprio Sol. Quando chegou a hora de nascer, seu filho se mostrou uma criatura sábia que viria ao mundo trazer novos costumes e leis para os homens. Por isso, Jurupari é tido como um legislador entre alguns povos indígenas. Entre os que o consideram como um demônio, afirma-se que Jurupari era o demônio que visitava os índios quando eles dormiam. Jurupari, então, provocava pesadelos e impedia que suas vítimas de gritarem por socorro. Ainda segundo Bezerra (2020) , o mito do Jurupari é usado em rituais de iniciação masculina. É o caso da etnia Dessana que pratica o “Ritual do Jurupari”.

Este consiste em tocar um instrumento de sopro confeccionado com tronco de paxiúba, uma palmeira amazônica que produz um som cheio e grave. A cerimônia é um ritual de agradecimento à natureza pela abundância de pesca. Igualmente, se louva a sabedoria dos espíritos ancestrais, que estão presentes através do material com que é confeccionado o Jurupari. Neste ritual, está proibida a participação das mulheres (BEZERRA, 2020, s.p.).

Figura 2 O Curupira

⁵ Todas as figuras colocadas neste artigo foram retiradas do Google Images.



O Curupira é um ser mítico que protege a floresta contra caçadores e contra aqueles que derrubam as árvores. É um dos personagens mais famosos do folclore brasileiro, porque protege a floresta. Sua lenda tem origem nos povos indígenas, sendo muito famosa no Norte do Brasil, sobretudo no Amazonas e no Pará. Essa lenda é bastante antiga, já foi mencionada no século XVI. É retratado frequentemente como um anão que possui os cabelos vermelhos e os pés ao contrário (com os calcanhares para frente). É importante reforçar que a descrição física do curupira pode variar de acordo com o local em que a lenda é reproduzida. O curupira como protetor da floresta voltava-se contra todos aqueles que a destruíam e, por isso, era visto com grande temor pelos indígenas. Os indígenas acreditavam que o curupira aterrorizava e matava aqueles que entravam na floresta para caçar ou derrubar árvores. Segundo Daniel Silva (s/d) não se sabe exatamente quando surgiu a lenda do curupira, mas se tem conhecimento de que ela é uma das mais antigas lendas brasileiras porque foi uma das primeiras a serem mencionadas pelos portugueses que se estabeleceram no Brasil. Em 1560, o padre jesuíta José de Anchieta, estabelecido em São Vicente (atual litoral do estado de São Paulo), fez uma menção ao curupira.

Figura 3 A iara



A iara (do tupi y-îara, "senhora das águas") ou Mãe-d'água é uma lenda folclórica de origem indígena, oriunda da região amazônica, mas a figura da iara é conhecida em todo o Brasil. Segundo a lenda, Iara era uma corajosa guerreira dona de uma beleza invejável. Por esse motivo, os irmãos sentiam inveja dela e resolveram matá-la. Entretanto, no momento do combate, pelo fato de possuir habilidades guerreiras, Iara conseguiu inverter a situação e matou seus irmãos. Ela ficou com muito medo de seu pai, o pajé, e resolveu fugir, mas o pai conseguiu alcançar a moça e castigou-a lançando-a ao rio. Os peixes, penalizados, resolveram salvá-la e a transformaram na sereia Iara, metade mulher, metade peixe. Desde então, Iara habita os rios amazônicos, conquista os homens e depois os leva ao fundo do rio, para morrerem afogados⁶. A lenda ainda afirma que se o homem conseguir escapar dos encantos de Iara, ele ficará louco, num estado de torpor e somente um pajé poderá curá-lo.

Figura 4 O Boitatá



O Boitatá é o protetor das florestas, personagem do folclore indígena. É uma grande serpente de fogo, que protege os animais e as matas contra as pessoas que lhe fazem mal e principalmente, que realizam queimadas nas florestas. Ele pode transformar-se em um tronco em chamas para enganar e queimar os invasores e destruidores das matas. Acredita-se que a pessoa que olhar o Boitatá torna-se cega e louca.

Figura 5 O negrinho do pastoreio

⁶ Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/lenda-da-iara/>



O Negrinho do pastoreio é personagem de uma lenda africana, muito conhecido no sul do Brasil. Segundo a lenda, no tempo da escravidão no País, esse personagem foi um pequeno escravo que sofreu muito com os maus tratos de um fazendeiro. Num determinado dia, o senhor pediu ao negrinho que cuidasse de alguns cavalos, mas um deles fugiu. Quando retornou, seu dono sentiu falta do cavalo baio e, com isso, resolveu castigar o negrinho. Após sair em busca do cavalo perdido, o negrinho chegou a encontrá-lo, mas não conseguiu capturá-lo. Por isso, seu senhor lhe deu muitas chibatadas e o jogou em um formigueiro, para ser devorado vivo pelos insetos vorazes. Mas, no dia seguinte, o malvado fazendeiro encontrou o menino e se assustou muito, porque o negrinho não tinha nenhum ferimento no corpo. E estava montado no cavalo perdido e, ao seu lado, estava a Virgem Maria, padroeira do garoto órfão. Muito arrependido, o fazendeiro resolve pedir perdão, todavia, o negrinho sai galopando feliz e livre no cavalo baio.

Figura 6 A mula sem cabeça



A mula sem cabeça é uma burrinha de cor preta ou marrom, que em lugar da cabeça, tem uma tocha de fogo. Ela constitui um paradoxo, porque, sem cabeça, solta fogo “pelas ventas”, isto é, pelo nariz. Possui ferraduras de aço ou de prata e relincha tão alto que se ouve a muitos metros de distância. Também é comum ouvir o animal soluçando como um ser humano. Segundo a lenda, se a mulher se relacionar sexualmente, antes do casamento, ela é transformada em mula sem cabeça. Outros dizem que se a mulher se relacionar sexualmente com um padre, será transformada na mula sem cabeça.

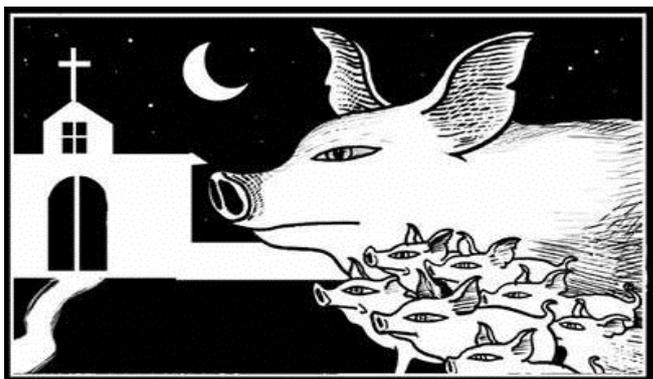
Figura 7 O lobisomem



O lobisomem é uma lenda da mitologia grega, conhecida em quase todo o mundo ocidental. É um homem que, nas noite de lua cheia, transforma-se em lobo e busca alimentar-se do sangue das pessoas. Diz a lenda que, se uma mulher tiver sete filhas mulheres e o último for um menino, ele se transformará em lobisomem. Ele só será morto se for usada uma bala de prata ou um punhal também de prata. A cultura popular moderna também espalhou que a maldição do lobisomem pode ser transmitida hereditariamente, isto é, de pai para filho, e que aqueles que são mordidos por ele, e sobrevivem, transformam-se também em lobisomens pouco tempo depois

A porca dos sete leitões, segundo a lenda, era uma Baronesa que praticava muitas maldades contra seus escravos. Os escravos, cansados de tanta crueldade, resolveram tomar uma atitude. Um feiticeiro negro, revoltado com suas injustiças, lançou um feitiço na Baronesa, ela foi transformada em porca e seus sete filhos foram transformados em porquinhos. Segundo dizem, a sina deles é andar fuçando com o focinho no chão à procura de um anel enterrado, quando encontrarem esse anel, quebrarão o feitiço e voltarão a ser o que eram.

Figura 8 A porca dos sete leitões



Outra versão diz que a Porca dos Sete Leitões é a alma penada de uma mulher que cometeu aborto, e o número de leitões com ela é igual ao número de abortos que realizou..

Figura 9 O caipora



Caipora é uma entidade da mitologia tupi-guarani. A palavra “caipora” vem do tupi caipora e quer dizer "habitante do mato". No folclore brasileiro, é representado como um pequeno índio de pele escura, ágil e nu. Note que ela pode ser representada por um homem ou uma mulher. Isso vai variar de acordo com a região em que a lenda é relatada. Sua origem está na mitologia indígena Tupi-guarani. Quando sente que algum caçador entra na floresta com intenções de abater animais, ela solta altos uivos e gritos assustando esses homens. Sua intenção é cuidar desses animais e proteger o ambiente. Reza a lenda que tem maior força nos dias santos e nos finais de semana. Ela vive nua nas florestas e tem o poder de dominar e ressuscitar os animais. Seu intuito principal é defender o ecossistema e, portanto, faz armadilhas e confunde os caçadores. Faz barulhos diferentes e distrai os caçadores até que eles se perdem na floresta.

Figura 10 A Cuca

A Cuca é uma personagem do folclore brasileiro; alguns dizem que tem origem africana, outros, que vem dos índios. Trata-se de uma bruxa velha com aparência assustadora que possui cabeça de jacaré e unhas imensas. Dona de uma voz assustadora, a Cuca rapta as crianças desobedientes. Ela só dorme uma vez a cada sete anos. Os negros cantavam para as crianças dormirem a antiga canção:

Dorme, neném,
Que a cuca vem pegar,
Papai foi pra roça,
Mamãe foi trabalhar.

Há outros personagens do folclore, mas esses são os principais.

1.2 Literatura infantil no Brasil: conceitos e características

1.2.1 Conceito de literatura infantil

A literatura infantil é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo próprios à leitura pela criança e é, a partir desse juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros.

Portanto, o que é classificado como literatura infantil não independe da concepção que a sociedade tem da criança e de seu entendimento do que seja infância. Mas os dois conceitos são instáveis, uma vez que variam em diferentes épocas e culturas. Vários teóricos, entre eles Peter Hunt, estabeleceram uma característica distintiva a partir da qual se pode conceituar o que é literatura infantil: o livro para crianças pode ser definido a partir do leitor implícito – isto é, a partir do tipo de leitor que o texto prevê. Os principais traços do leitor implícito do texto infantil são: um leitor em formação e com vivências limitadas por força da idade.

Sendo assim, o texto deve ser adequado à competência linguística da criança para ler os signos, assim como às suas experiências de vida. Elas podem permitir, ou não, que o texto produza certos sentidos no leitor. Há, ainda, uma terceira competência: a competência textual, da qual depende a relação entre texto e leitor que efetiva a leitura.

Exemplo: um livro com muitas páginas, letras miúdas, pouco espaçamento, ausência de ilustração requer do leitor maturidade (competência) que uma criança pequena não tem.

Um livro de literatura infantil, portanto, constitui uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atende aos seus interesses e respeita as suas possibilidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são apresentados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos e, ao mesmo tempo, superá-las, mostrando algo novo. A literatura infantil apresenta diversas modalidades de processos verbais e visuais. As melhores obras são aquelas que respeitam seu público, permitindo ao leitor infantil possibilidades amplas de dar sentido ao que lê.

1.2.2 Principais características de uma obra infantil

O livro infantil possui características estéticas que envolvem a literatura de uma forma geral e, ainda que seja peculiarmente definido pelo destinatário, a obra pode levar o leitor a uma abrangente compreensão de sua existência. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que em qualquer possibilidade de delimitar o conceito de literatura infantil existirá o parâmetro de identificação do leitor com o texto que manuseia.

No entanto, sabemos que embora o texto seja consumido pela criança, é o adulto que elabora a obra. Nisto, é necessário compreender que não basta falar sobre criança, mas ver o mundo através dos seus olhos, ajudando-a a ampliar seu olhar nas mais variadas direções. As linguagens simples, cotidianas, com frases curtas e com uso de recursos como a onomatopeia, divertem o leitor infantil e chamam sua atenção.

Neste ponto, frisa-se a importância de evitar palavras complexas para o universo infantil ou expressões que possam ter duplo sentido e causar interpretações indesejadas. Outra característica é a ausência de gírias ou as ditas “expressões do momento”. Mesmo que isso aproxime os leitores atuais, pode afastar os futuros e tornar a obra datada. Um cuidado primordial é a inserção de personagens com os quais as crianças se identifiquem.

Desde as obras literárias infantis mais clássicas, como Peter Pan e O Pequeno Príncipe, passando pelos livros de Monteiro Lobato, que mostram o cotidiano de Pedrinho, Narizinho e Emília, até outros mais recentes, como a série Harry Potter, todos

eles têm algo em comum: as crianças são as protagonistas das histórias! Também é essencial um visual chamativo, especialmente a capa, que deve ser atrativa.

É possível dizer que estratégias de adaptação são necessárias para adequar a situação da história ao sujeito que vai vivenciá-la, ou seja, para colocar a criança em sintonia com o texto. De acordo com o psicólogo russo Liev Vygotsky, o diálogo facilita o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da atenção por meio da interação social. Vygotsky acentuou ainda que palavra e ação estão completamente fundidas para a criança.

Assim, ao arranjar a sequência de palavras, ela organiza o mundo para si e toma consciência do que sabe, pensa e sente. O pensamento da criança e as histórias a ela dirigidas também podem ser representados por meio da observação do desenho. Piaget aponta que, até aproximadamente sete anos de idade, a criança pensa e vê o mundo do mesmo modo que desenha.

Os educadores que ministram aulas para crianças até essa faixa etária podem ter familiaridade com essa afirmação. Na área da literatura, através da ilustração, também é possível compreender aspectos importantes do desenvolvimento infantil. Acima de tudo, a imaginação deve ser priorizada. A criança é naturalmente levada a desconfiar dos livros que lhe vêm tolher a liberdade, que é o melhor dos seus bens.

Tudo que, na infância, impede o movimento é feita contra a natureza e suportado a contra gosto. É mister, portanto, compensar essa inevitável supressão pela imaginação. Esta recompõe, com o repouso do corpo, o mais agitado dos mundos. A movimentação é outro requisito da obra infantil. A criança é incapaz de uma atenção demorada, isto é, irá interessar-se pelos livros onde em todo momento apareçam fatos novos e interessantes.

Não se trata do que pensaram as pessoas, ou do que sentiram, mas do que fizeram. Uma boa técnica de desenvolvimento é indispensável à obra. O autor terá mais sucesso se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, que não tenham nada com o fio de ação da história. Em geral, elas interrompem a movimentação, e o resultado disso não será o desejado pelo autor. A narrativa precisa correr a galope, sem nenhum efeito literário.

A qualidade da forma é outra característica que não deve ser descuidada. O valor estético não pode ser relegado, sob o pretexto de que se escreve para crianças. Lembramos que o texto para crianças deve ser igual ao dos adultos, só que melhor. Por fim, uma obra infantil jamais deve subestimar a inteligência de uma criança. O autor deve enxergá-la

como leitora inteligente e pensante, identificada com obras que desenvolvam o seu intelecto.

1.3 Literatura Infantil Brasileira

Os primeiros exemplares de livros infantis editados no Brasil datam do início do século XIX. Com a implantação oficial da Imprensa Régia, em 1808, tem início a atividade editorial e, desse modo, surgem as primeiras publicações destinadas ao público infantil, que consistiam principalmente em traduções de livros europeus.

Ainda no século XIX, é publicado o livro *Contos infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira. Abrindo o século XX, Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus *Contos pátrios* (1904) e *Tales de Andrade*, com o romance *Saudade* (1919), encerra o primeiro período da literatura infantil brasileira.

O período posterior, e mais célebre, será marcado principalmente pela obra de Monteiro Lobato. A carreira do autor inicia-se em 1921, com a publicação de *Narizinho Arrebitado*, e prossegue até 1944, com o lançamento de *Os doze trabalhos de Hércules*. As inovações de sua obra abrem as portas de uma nova era na literatura infantil brasileira, com orientação marcadamente pós-modernista.

A partir dos anos 1960, com a multiplicação de programas e instituições de fomento, aliada a uma ampliação dos investimentos da iniciativa privada, observa-se um aumento expressivo na quantidade de livros infantis. O fruto desse contexto favorável foi o desenvolvimento de um comércio especializado e a migração de escritores consagrados que começam a se dedicar a esse campo, tais como Clarice Lispector, Vinícius de Moraes e Cecília Meireles.

Em paralelo, surge uma literatura que tem como objetivo primordial o da crítica aos problemas da sociedade contemporânea e que encontrou sua expressão máxima em *Pivete* (1977), de Henry Correia de Araújo, que traz a representação realista e violenta da vida social brasileira, abordando temas até então considerados tabus e impróprios para menores, em oposição a uma tradição que privilegiava a fantasia distanciada da realidade. Essa tendência causou certo escândalo, na medida em que batia de frente com o “mandamento” de não abordar situações problemáticas nos livros infantis, desconstruindo a imagem da criança obediente e passiva presente nos livros de orientação mais comercial.

Seguindo outra linha, alguns autores dedicaram-se a recriar humoristicamente os antigos temas, como no caso de Ana Maria Machado, em *História meio ao contrário*, que *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.143-164/2021

apresenta a proposta de um conto de fadas invertido, onde o príncipe se casa com a pastora e a princesa vai cuidar de sua vida.

Em terreno mais comercial, a expansão do mercado favorece alguns gêneros como a ficção científica e o mistério policial. Nessa linha, destacam-se “O gênio do crime” (1973), de João Carlos Marinho, e “O fantástico homem do metrô” (1979), de Stella Carr.

Em outro polo, a poesia para crianças também apresenta um desenvolvimento considerável nesse período, por meio de obras como *Ou isto ou aquilo* (1964), de Cecília Meireles, *Pé de pilão* (1968), de Mário Quintana, e *A arca de Noé* (1974), de Vinícius de Moraes.

A partir do início dos anos 1980, observamos o surgimento de uma etapa com ênfase no projeto gráfico, que passou de simples complemento dos textos à condição de agente autônomo e autossuficiente. Essa tendência atingiu o seu ápice com o lançamento de *O menino maluquinho* (1980), de Ziraldo, sucesso absoluto de público e crítica, que encabeça uma lista de livros que têm os aspectos visuais como centro e não mais como ilustração e reforço de significados confiados à linguagem verbal.

1.2 Biografias de Monteiro Lobato e de Ziraldo

1.2.1 Monteiro Lobato

José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, na Província de São Paulo, em 18 de abril de 1882 e faleceu na cidade de São Paulo, Paulo, em 4 de julho de 1948). Foi um escritor, ativista, diretor e produtor brasileiro.

Foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções. Seguido a seu precursor Figueiredo Pimentel ("Contos da Carochinha") da literatura infantil brasileira, ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, que constitui aproximadamente a metade da sua produção literária. A outra metade, consistindo de contos (geralmente sobre temas brasileiros), artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas, livros sobre a importância do ferro (*Ferro*, 1931) e do petróleo (*O Escândalo do Petróleo*, 1936).^{[31][41]} Escreveu um único romance, *O Presidente Negro*, que não alcançou a mesma popularidade que suas obras para crianças, que entre as mais famosas destaca-se *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *O Picapau Amarelo* (1939).

Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, após receber herança deixada pelo avô. Diante de um novo estilo de vida, Lobato passou a

publicar seus primeiros contos em jornais e revistas, sendo que, posteriormente, reuniu uma série deles no livro *Urupês*, sua obra prima como escritor. Em uma época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa, Monteiro Lobato tornou-se também editor e passou a editar livros também no Brasil. Com isso, ele implantou uma série de renovações nos livros didáticos e infantis.

É bastante conhecido entre as crianças, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples onde realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Suas personagens mais conhecidas são: Emília, uma boneca de pano com sentimento e ideias independentes; Pedrinho, personagem que o autor se identifica quando criança; Visconde de Sabugosa, o sábio sabugo de milho que tem atitudes de adulto, Cuca, vilã que aterroriza a todos do sítio, Saci Pererê e outros personagens que fazem parte da famosa obra *Sítio do Picapau Amarelo*, que até hoje é lido por muitas crianças e adultos.

Escreveu ainda outras obras infantis, como *A Menina do Nariz Arrebitado*, *O Saci*, *Fábulas do Marquês de Rabicó*, *Aventuras do Príncipe*, *Noivado de Narizinho*, *O Pó de Pirlimpimpim*, *Emília no País da Gramática*, *Memórias da Emília*, *O Poço do Visconde*, e *A Chave do Tamanho*. Fora os livros infantis, escreveu outras obras literárias, tais como *O Choque das Raças*, *Urupês*, *A Barca de Gleyre* e *O Escândalo do Petróleo*. Neste último livro, demonstra todo seu nacionalismo, posicionando-se totalmente favorável a exploração do petróleo, no Brasil, apenas por empresas brasileiras

Coleção de obras do autor

- 1921 - O Saci
- 1922 - Fábulas
- 1927 - As Aventuras de Hans Staden
- 1930 - Peter Pan
- 1931 - Reinações de Narizinho
- 1932 - Viagem ao céu
- 1933 - Caçadas de Pedrinho
- 1933 - História do Mundo para as Crianças
- 1934 - Emília no País da Gramática
- 1935 - Aritmética da Emília
- 1935 - Geografia de Dona Benta
- 1935 - História das Invenções
- 1936 - Dom Quixote das crianças
- 1936 - Memórias da Emília
- 1937 - Serões de Dona Benta
- 1937 - O Poço do Visconde
- 1937 - Histórias de Tia Nastácia
- 1939 - O Picapau Amarelo
- 1939 - O Minotauro

1941 - A Reforma da Natureza
1942 - A Chave do Tamanho
1944 - Os doze trabalhos de Hércules (dois volumes)
1947 - Histórias Diversas

Lobato também traduziu e adaptou os livros infantis:

Contos de Grimm
Novos Contos de Grimm
Contos de Andersen
Novos Contos de Andersen
Alice no País das Maravilhas
Alice no País dos Espelhos
Robinson Crusoé,
Contos de Fadas
Robin Hood.

Livros para adultos

O Saci-Pererê: resultado de um inquérito (1918)
Urupês (1918)
Problema vital (1918)
Cidades mortas (1919)
Ideias de Jeca Tatu (1919)
Negrinha (1920)
A onda verde (1921)
O macaco que se fez homem (1923)
Mundo da lua (1923)
Contos escolhidos (1923)
O garimpeiro do Rio das Garças (1924)
O Presidente Negro/O choque das Raças (1926)
Mr. Slang e o Brasil (1927)
Ferro (1931)
América (1932)
Na antevéspera (1933)
Contos leves (1935)
O escândalo do petróleo (1936)
Contos pesados (1940)
O espanto das gentes (1941)
Urupês, outros contos e coisas (1943)
A Barca de Gleyre (1944)
Zé Brasil (1947)
Prefácios e entrevistas (1947)
Literatura do minarete (1948)
Conferências, artigos e crônicas (1948)
Cartas escolhidas (1948)
Críticas e outras notas (1948)
Cartas de amor (1948)

1.2.2 Ziraldo

Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga, Minas Gerais, em 24 de outubro de 1932).É é um cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, caricaturista, escritor, cronista, desenhista, humorista, colunista, advogado e jornalista brasileiro. É o criador de personagens famosos, como o Menino Maluquinho, e é, atualmente, um dos mais conhecidos e aclamados escritores infantis do Brasil.

Infância

Ziraldo Alves Pinto passou toda a infância em Caratinga. É irmão do também desenhista, cartunista, jornalista e escritor Zélio Alves Pinto e também de Ziralzi Alves Pinto.^[2] Estudou dois anos no Rio de Janeiro e voltou a Caratinga, tendo concluído o módulo científico (atual Ensino Médio). Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1957. Seu talento no desenho já se manifestava desde essa época, tendo publicado um desenho no jornal “Folha de Minas” com apenas seis anos de idade. Ziraldo começou a falar com 3 a 4 anos.

Começou a trabalhar no jornal Folha da Manhã (atual Folha de S. Paulo), em 1954, com uma coluna dedicada ao humor. Ganhou notoriedade nacional ao se estabelecer na revista *O Cruzeiro* em 1957 e posteriormente no *Jornal do Brasil*, em 1963. Seus personagens (entre eles Jeremias, o Bom; a Supermãe e o Mirinho) conquistaram os leitores.

Em 1960 lançou a primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor, *Turma do Pererê*, que também foi a primeira história em quadrinhos a cores totalmente produzida no Brasil. Embora tenha alcançado uma das maiores tiragens da época, Turma do Pererê foi cancelada em 1964, logo após o início do regime militar no Brasil. Nos anos 1970, a Editora Abril relançou a revista, desta vez, sem o sucesso inicial. A revista da Turma do Pererê, teve outras passagens pelas bancas, numa edição encadernada pela Editora Primor no ano de 1986 e em formato de almanaque pela Editora Abril na década de 1990.

Em 1960 recebeu o "Nobel" Internacional de Humor no 32º Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas e também o prêmio Merghantealler, principal premiação da imprensa livre da América Latina.^[7]

Foi fundador e posteriormente diretor do periódico *O Pasquim*, tabloide de oposição ao regime militar, uma das prováveis razões de sua prisão, ocorrida um dia após a promulgação do AI-5.^[8]

Em 1980, lançou o livro "O Menino Maluquinho", seu maior sucesso editorial, que foi mais tarde adaptado na televisão e no cinema.

Incansável, Ziraldo ainda hoje colabora em diversas publicações, e está sempre envolvido em novas iniciativas. Uma das mais recentes foi a "Revista Bundas", uma publicação de humor sobre o cotidiano que faz uma brincadeira com a revista "Caras", esta, voltada para o dia a dia de festas e ostentação da elite brasileira. Ziraldo foi também o fundador da revista "A Palavra" em 1999.

Desde o ano de 2000 participa da "Oficina do Texto", maior iniciativa de coautoria de livros do Mundo, Criada por Samuel Ferrari Lago então diretor do Portal Educacional, onde já ilustrou histórias que ganharam textos de alunos de escolas do Brasil todo, totalizando aproximadamente 1 milhão de diferentes obras editadas em coautoria com igual número de crianças.

No dia 3 de outubro de 2016 recebeu a Medalha de Honra da Universidade Federal de Minas Gerais em cerimônia presidida pelo reitor Jaime Arturo Ramírez no auditório da reitoria da universidade.^[19]

Obras e criações

O Menino do Rio Doce
Prêmio Galo de Ouro - troféu desenhado por Ziraldo para o Festival Internacional da Canção - 1966
A supermãe
Flicts
O Aspíte
Turma do Pererê
O Menino Maluquinho
O Bichinho da Maçã
Tia Nota Dez
A Fábula das Três Cores
O Joelho Juvenal
O Menino da Lua
Menina das Estrelas
O Planeta Lilás
Uma Professora Muito Maluquinha
Vito Grandam
O Menino e seu Amigo
Jeremias, o Bom
Queremos Paz (em parceria com crianças de todo Brasil por meio do Portal Educacional)
O Menino Quadrado
Almanaque Maluquinho - Esportes Radicais
Os dez amigos
Rolim
O Olho do Consumidor
Menina Nina

Lili no Mundo da Lua
Noções de Coisas
"Pra Boi Dormir" (Ilustrador)

1.3 Folclore: conceito e histórico

O folclore constitui-se dos elementos que fazem parte da cultura popular e tem como símbolos as festas, danças, ritmos, jogos, lendas e crendices tradicionais.

Por folclore entendemos as manifestações da cultura popular que caracterizam a identidade social de um povo. O folclore pode ser manifestado tanto de forma coletiva quanto individual e reproduz os costumes e tradições de um povo transmitidos de geração para geração. Sendo assim, todos os elementos que são parte da cultura popular e que estão enraizados na tradição desse povo são parte do folclore.

As manifestações do folclore dão-se por meio de mitos, lendas, canções, danças, artesanatos, festas populares, brincadeiras, jogos etc. O folclore é parte integrante da cultura de um povo e, por isso, é considerado pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial, sendo imprescindível a realização de esforços para a sua preservação.

A palavra folclore tem origem no inglês e é oriunda do termo *folklore*. Esse termo, por sua vez, foi originário da expressão *folk-lore*, criada por um escritor chamado William John Thoms, em 1846. Em 22 de agosto de 1846, uma carta de Thoms enviada à revista *The Atheneum* foi publicada.

O termo de Thoms baseava-se em duas palavras:

Folk, que significa **povo**;

Lore, que significa **conhecimento, saber**.

Assim, a junção das duas palavras, conforme o próprio Thoms, significa **saber tradicional de um povo**. A palavra proposta de Thoms não foi adotada logo de imediato e só se popularizou quando surgiu a Sociedade do Folclore em Londres, no final do século XIX.

1.3.1 História do folclore

O folclore como área de estudo começou a consolidar-se a partir do século XVIII, mas se firmou de fato somente no final do século XIX, quando instituições voltadas para estudos nessa área começaram a surgir na Europa e nos Estados Unidos. Seus especialistas consideram que os grandes pioneiros do estudo do folclore são Johann Gottfried von Herder e os irmãos Grimm.

À medida que o interesse pelo assunto disseminou, começaram a surgir sociedades voltadas para o estudo do folclore, sendo a citada Sociedade do Folclore (*Folklore Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.143-164/2021

Society), fundada em 1878, a primeira delas. Essa determinou que dentro do folclore poderia incluir-se:

Narrativas tradicionais: contos, mitos e lendas populares;
Costumes tradicionais: costumes como as festas populares;
Crenças e superstições: saberes relacionados à magia, bruxaria etc.;
Linguagem popular: dialetos falados e os jargões populares.

Por meio dessa sociedade londrina, o interesse no estudo do folclore espalhou-se, alcançou outros países da Europa, os Estados Unidos e, por fim, chegou ao Brasil. Claro que, ao longo desse processo, e na medida em que os estudos na área avançavam, novas definições surgiram e avanços sensíveis aconteceram.

1.3.2 Características do folclore

As características do que pode ser definido ou não como folclore foram arduamente debatidas por intelectuais europeus e americanos. Esse debate, no entanto, não se encerrou, e aqui no Brasil diversos elementos do que se caracteriza como folclore ou são rebatidos ou são relativizados. Sendo assim, percebe-se que não existe um consenso entre os especialistas, e as características levantadas aqui não são unânimes.

Algumas das características do folclore são:

Origem anônima: Muitos definiram que um elemento para ser considerado folclórico tem de ter origem anônima, mas essa característica tem sido bastante questionada pelos estudiosos;
Transmissão oral: O saber que faz parte do folclore de um povo tem de ser transmitido oralmente;
Popularização coletiva: Tem que se popularizar na cultura de um povo;
Surgimento espontâneo: Os elementos da cultura que formam o folclore surgem de maneira espontânea.

1.3.3 Folclore brasileiro

O Brasil, naturalmente, possui o seu conjunto de elementos que formam o folclore brasileiro. É um consenso entre os estudiosos do assunto que danças, festas, lendas, jogos e personagens que compõem o folclore do Brasil são de origem europeia, portuguesa sobretudo, e também indígena e africana. Sendo assim, houve uma fusão de elementos de diferentes culturas. Alguns personagens do folclore brasileiro são o saci-pererê, a iara, o curupira, entre outros.

2 METODOLOGIA DE TRABALHO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em livros (principalmente Lemle, 2009, Cagliari, 1980 e COSTA, 2004), artigos e *sites* da internet que tratam do assunto.

Leitura em livros infantis (principalmente Lobato, Monteiro, 1921, "O Saci". E Alves, Ziraldo, 1959, "A Turma do Pererê".)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as duas obras percebe-se que mesmo com as diferenças e semelhanças apontadas pelos dois autores, foi de muita importância para a literatura ambos terem abordado em suas obras o folclore, trazendo assim mais da cultura brasileira para o público infantil.

A obra "O Saci" é uma possui a linguagem simples, em que realidade e fantasia caminham juntas, um livro que retrata a cultura brasileira.

Já a obra a turma do Pererê foi a junção de histórias em quadrinhos publicadas em jornais e revistas que foi transformada um livro de história em quadrinhos onde a aventura e a imaginação tomam conta, em um tempo em que se acreditava que pelas ideias, poderíamos mudar nossa história.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018.** Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

ALVES, Ziraldo, **A Turma do Pererê**, 1959.

BEZERRA, J. **Jurupari e sua lenda**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/jurupari/>. Acesso em 15.11.2020

CADEMARTORI, Lígia, Glossário Ceale, **Literatura Infantil**, disponível em : <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil#:~:text=A%20literatura%20infantil%20%C3%A9%20um,lugar%20entre%20os%20demais%20livros> Acessado em 04 de Novembro de 2020.

SILVA, A. C. et al.

CURSO ESCOLA EDUCAÇÃO, **Noções Básicas da Literatura Infantil**, disponível em: <https://cursos.escolaeducacao.com.br/artigo/no-es-b-sicas-da-literatura-infantil> Acessado em 04 de Novembro de 2020.

LOBATO, Monteiro, **O Saci**, Coleção **Sítio do Pica Pau Amarelo**, 1921.

MONTEIRO LOBATO. Wikipedia, Monteiro Lobato, Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato#Os_primeiros_anos. Acessado em 30 de outubro de 2020.

NEVES, Daniel, **Folclore**, Publicado no site <https://brasilescola.uol.com.br/folclore#:~:text=O%20folclore%20constitui%2Dse%20d os, jogos%2C%20lendas%20e%20crendices%20tradicionais.&text=O%20folclore%20pod e%20ser%20manifestado, transmitidos%20de%20gera%C3%A7%C3%A3o%20para%20gera%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em 30 de outubro de 2020.

SILVA, Daniel Neves. **Curupira**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/curupira.htm>. Acesso em 17 de novembro de 2020

VARELLA, Carlos, **Literatura Infantil Brasileira**, Info Escola, disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil-brasileira/> Acessado em 04 de Novembro de 2020.

WIKIPEDIA, **A turma do Pererê**, disponível em https://pt.m.wikipedia.org/wiki/A_Turma_do_Perer%C3%AA Acessado em 04 de Novembro de 2020.

WIKIPEDIA, **O Saci**, disponível em https://pt.m.wikipedia.org/wiki/O_Saci Acessado em 04 de Novembro de 2020.

ZIRALDO, Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ziraldo>. Acessado em 30 de outubro de 2020.